

## O EMPREGO DOS CASOS LATINOS NO *SOMNIUM SCIPIONIS* DE CÍCERO

SARA GONÇALVES RABELO

### RESUMO:

O presente trabalho mostra os resultados do projeto de pesquisa de Iniciação Científica financiado FAPEMIG/UFU “O Emprego dos Casos Latinos no *Somnium Scipionis* de Cícero”. O objetivo da pesquisa foi aprofundamento do estudo da morfossintaxe latina, para o pleno entendimento do texto clássico, como o emprego de uma nova metodologia de aprendizado da Língua Latina, desenvolvida pelo grupo de pesquisa LATIVM, que consiste no destaque inicial dos elementos-chave da frase latina: os verbos, as cláusulas de ligação e as formas nominais. Indo direto ao texto latino, procurou-se ler e entender ao pé da letra o que a versão latina exprime, ao mesmo tempo em que se procurou entender a versão da emérita Maria Helena da Rocha Pereira, e assim entender o emprego de cada palavra e de “cada caso”. Observamos que os casos latinos encontrados na obra de Cícero seguem o padrão dito clássico, até porque ele é o prosador latino por excelência. Praticamente todos os empregos de cada caso puderam ser encontrados no *corpus*: após o levantamento completo das ocorrências, foi muito fácil selecionar mais expressivas e analisá-las de acordo com uma sequência mais didática. A conclusão mais importante era pressuposta: analisar um texto de Cícero em qualquer aspecto especificamente da morfossintaxe latina é expor a própria gramática do Latim Clássico. Outros projetos poderão completar esse estudo.

**PALAVRAS CHAVES:** *Somnium Scipionis*; morfossintaxe latina; Cícero; nova metodologia.

### RÉSUMÉ:

Ce travail montre les résultats du projet de recherche "Initiation scientifique" financé FAPEMIG/UFU "l'emploi des cas en Amérique Somnium sont Cicero". L'objectif de cette recherche a été l'approfondissement l'étude de morfossintaxe Latine, pour la pleine compréhension du texte classique, comme l'emploi d'une nouvelle méthodologie noviciat de la langue latine, développé par le groupe de recherche LATIVM, qui est le point culminant initial-éléments clés de la phrase Latine: verbes, les clauses de force obligatoire et nominal formes. Passant par le texte Latin, cherché-si lire et comprendre les pieds de la lettre que la version Latine exprime, en même temps que essayé de comprendre la version de emérita Maria Helena da Rocha Pereira, et donc comprendre l'emploi de la chambre mot et "chaque

affaire". Nous avons constaté que les pays latino cas trouvés dans les travaux de Cicéron suivre la norme dit classique, parce qu'il est le prosateur Latin par excellence. Pratiquement tous les emplois de chaque cas pourrait être trouvé dans le corpus: après la levée plein d'événements, a été très facile sélectionner plus expressif et analyser-eux conformément à une sequencia plus didactique. La plus importante conclusion a été supposé: d'analyser un texte Cicero tout aspect spécifiquement morfossyntaxe l'Amérique est d'exposer la grammaire de latin classique. D'autres projets peuvent compléter cette étude.

**MOTS-CLÉS:** *Somnium Scipionis*, morphosyntaxe du latin, Cicéron, nouvelle méthodologie.

## 1. INTRODUÇÃO:

O desafio de abordar um texto clássico é, sem dúvida, sua ordem aparentemente caótica, já que em lugar da nossa ordem direta normalmente encontramos a ordem inversa. Entender a estrutura frasal do Latim dentro de uma obra como a de Cícero é um desafio, pois é o modelo de excelência de prosa clássica. Por isso me motivou essa pesquisa de iniciação científica.

Para compreender um texto clássico, não só a obra *Somnium Scipionis* de Cícero, é necessário inicialmente compreender a estrutura frasal latina que é composta pelo verbo, pelas cláusulas de ligação e pelas formas nominais. Essa estrutura é a base para ler e entender o texto latino, visto que é a partir disso aluno se torna capaz de fazer as ligações entre as frases. O que vemos durante o estudo do Latim é que não aprender a fazer essas ligações leva, em grande parte das vezes, à falta de interesse pela língua, pois arriscar uma tradução sem ter os conhecimentos básicos pode levar a grandes erros e desapontamentos.

Por isso, este estudo tem como um dos objetivos mostrar um novo método de aprendizagem no qual ao mesmo tempo em que se aprofundam os estudos sobre a morfossyntaxe latina pratica-se a leitura do texto clássico, nesse caso o *Somnium Scipionis* do prosador e orador Cícero.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este novo método inicia o aluno diretamente no texto clássico, destacando os três pilares da morfossyntaxe que são o verbo, as cláusulas de ligação e as formas nominais. Tendo dominado a utilização desses três componentes na frase, o aluno pode relacioná-los e compreender o texto sem ter o total conhecimento dos demais componentes, o que facilita o entendimento da frase como um todo posteriormente.

Inicialmente foi feita a aplicação do método em trechos adaptados de fábulas como a de Fedro, *Mula et Musca*, retirada do livro *Latina Essentia* de Antônio Martinez Rezende, a qual

propiciou o primeiro contato com o novo método e somente após a compreensão da estrutura frasal latina em textos mais simples, foi possível compreender o texto clássico latino. Em um primeiro momento foi propiciado o contato com o texto limpo, desse modo:

*Tuis uerbis non mouëor,*

*Sed ab auriga, qui meum lumbum flagello tempërat...*

Posteriormente assinalamos os verbos, que são as chaves da oração em caixa alta, as formas nominais em sublinhado e a cláusulas de ligação em retângulo:

“*Tuis uerbis non MOUËOR,*

sed *ab auriga,* qui *meum lumbum flagello TEMPËRAT...*”

Esse método foi aplicado no *Somnium Scipionis* como base para chegar ao cerne dessa pesquisa que é o estudo dos casos latinos em seus vários empregos presentes na obra de Cícero. Para isso foi necessário uma busca e catalogação desses casos e suas classes de emprego nas gramáticas de referência e de acordo com as frases presentes no *Somnium Scipionis* foi feita a adequação.

Para facilitar a pesquisa, foi utilizada a tradução de Maria Helena da Rocha Pereira junto ao original latino, porém, para entender a tradução muitas vezes foi necessário fazer versões literais e assim entender melhor a estrutura frasal latina.

Os casos latinos foram subdivididos em classes de emprego, que facilitaram a catalogação das frases e posteriormente a sua análise. Dentre os seis casos latinos foram analisados o Acusativo, Genitivo, Dativo e Ablativo, procurando compreender o seu uso e suas peculiaridades diretamente no texto.

Subdividimos cada caso de acordo com sua especificidade, dando maior destaque primeiramente aos empregos mais frequentes em Cícero. Houve a necessidade de selecionar ocorrências mais características ou que merecessem algum comentário e em apêndice, expusemos outros empregos.

O acusativo foi classificado: a) Acusativo de Objeto Direto, b) Acusativo de Direção, c) Acusativo com Infinito e x) Outros Empregos. O Genitivo foi classificado de acordo com suas particularidades em: a) Genitivo Restritivo, b) Genitivo Complemento Nominal, c) Genitivo Partitivo, e x) Outros Casos. O dativo foi classificado em: a) Dativo Atributivo, b) Dativo Objeto Indireto, c) Dativo Ético e d) Outros Casos. Por fim, o ablativo foi subdividido em: a) Ablativo de Origem, b) Ablativo Agente da Passiva, c) Ablativo Absoluto, d) Ablativo de lugar, e) Ablativo de Tempo e f) Outros Casos.

Vimos durante esta pesquisa que, para aprofundar os conhecimentos sobre a morfossintaxe latina em um texto como o *Somnium Scipionis* de Cícero, é preciso pôr em prática um método

que possibilite o estudo diretamente na obra, para que se conheçam suas especificidades, como o método recém-proposto. Além disso, é necessário conhecer a gramática latina e principalmente ter a consciência de que estudar Cícero é na verdade expor a gramática do Latim Clássico especificamente no que se refere à sintaxe dos Casos Latinos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 3.1 O ACUSATIVO

A função do acusativo é inicialmente a de expressar o resultado ou objeto da ação verbal e principalmente designa o termo final dessa ação. Assim como os acusativos de extensão, duração e o duplo acusativo, o acusativo complementa verbos transitivos. Há casos de discrepâncias com o português, quando verbos são transitivos em latim, mas não o são em português, como muitos *verba affectuum*, que em latim usam a construção transitiva e em português a transitiva indireta preposicional, além de alguns verbos impessoais, entre outros.

##### A) Acusativo de Objeto Direto

Chamaremos “acusativo de objeto direto” o que é o objeto direto da ação verbal e completa diretamente o sentido do verbo transitivo que rege o Acusativo. O mesmo pode vir acompanhando por um adjunto predicativo que concorde com ele, e teremos assim o predicativo do objeto. Antigamente eram chamados de transobjetivos os verbos que exigiam objeto direto e predicativo do objeto, como, por exemplos, os verbos: eleger, nomear, julgar, ter, escolher, considerar. Vejamos algumas dentre as múltiplas ocorrências que se podem encontrar no *Somnium Scipionis*:

- (1) “Omnis enim terra, quae colitur a vobis, angustata verticibus, lateribus latior, parva quaedam insula est circumfusa illo mari, QUOD ATLANTICUM, QUOD MAGNUM, QUEM OCEANUM appellatis in terris;...” (parágrafo 21)
- (2) “Ex quibus SUMMUM GLOBUM possidet illa, QUAM in terris SATURNIAM nominant.” (parágrafo 17)
- (3) “... tum rutilus horribilisque terris, QUEM MARTIUM dicitis...” (parágrafo 17)

Nestas ocorrências vemos que cada objeto direto é constituído pelo pronome relativo neutro (*mare quod*), masculino (*quem Oceanus, globus quem*) e feminino (*illa quam*), seguidos de um verbo que exige um acusativo predicativo: *quod appellatis Atlanticum; quem Oceanum appellatis; quam nominant Saturniam; quem dicitis Martium*, isto é, “que chamais Atlântico”, “que chamais de Oceano”, “que nomeiam de Saturno”, “que dizeis de Marte”. Vejamos outras ocorrências:

- (4) “...QUAE dicam, trade memoriae!” (parágrafo 10)
- (5) “Erat autem eae stellae, QUAS numquam ex hoc loco vidimus...”(parágrafo 16)
- (6) “[terram] QUAM cum magis intuerer: inquit Africanus...” (parágrafo 17)
- (7) “QUAE cum intuerer stupens, ut ME recepi: ...” (parágrafo 18)

O pronome relativo nessas ocorrências está no acusativo regido por um verbo transitivo direto. Em (4) e (7), *quae* está no acusativo neutro plural: “Aquelas coisas que eu disser fixa na memória” (4), está claramente em função relativa; já em (7) “Tendo-as contemplado, admirando-me” o *quae* tem função de pronome pessoal, assim como “me” em *ut me recepi* (“assim que me refiz”). Nas ocorrências (5) e (6), *quae* e *quam* estão no acusativo feminino plural e singular respectivamente e complementam os verbos *vidimus* (ativo) e *intuerer* (depoente).

### B) Acusativo de Direção

A prosa clássica emprega o acusativo precedido por uma preposição, normalmente *ad* ou *in*, porém, em alguns casos e com nomes de cidades e de pequenas ilhas, usa-se o acusativo sem preposição: não foram encontradas ocorrências no *corpus*. Usualmente as preposições *in* e *ad* indicam penetração e aproximação respectivamente. Distingue-se em Latim se há imersão ou não, empregando-se *in* ou *ad*, por exemplo, em: “Vamos ao rio” podemos ter: *Eamus in fluvium* (para nadar), ou *Eamus ad fluvium* (para pescar). Destacamos em um primeiro momento as ocorrências com a preposição *in*:

- (8) “Cum IN AFRICAM venissem M. Manilio consuli AD QUARTAM LEGIONEM tribunus, ut scitis, militum...” (parágrafo 9)
- (9) “Sed cum eris curru IN CAPITOLIUM invectus...” (parágrafo 11)
- (10) “...ea vita via est IN CAELUM et IN HUNC COETUM eorum, qui iam vixerunt et corpora laxati illum incolunt locum, quem vides.” (parágrafo 16)

Em (8), temos *in Africam* que mostra o sentido de direção, mas com a idéia de entrada. Na tradução de Rocha Pereira, utilizada como base, temos: “Quando cheguei à África...”, mostrando o sentido de aproximação no português, embora o sentido seja de entrada (“na” África). Já em (9), a preposição *in* remete à direção, rumo ao Capitólio, com a intenção de introduzi-lo no local: “Mas, quando te levarem de carro ao Capitólio...”, mostrando o direcionamento até o carro, *curru*, para o ponto de chegada, o *Capitolium*.

Em (10): “Uma vida assim é a via para o céu e para esta assembléia dos que já viveram e que, libertos do corpo habitam naquele local que vêes.”, o sentido de direção e/ou aproximação no plural, é dado com a utilização da preposição *para* (ir para Belo Horizonte) significando

entrada ou aproximação, mas em latim o uso da preposição *ad* ou *in* pode evitar essa confusão: trata-se de uma via que os introduzirá no céu juntamente com os outros que o precedem. Vejamos outro exemplo:

(11) “Nonne aspicias, QUAE IN TEMPLA veneris?” (parágrafo 17)

O acusativo *templa* está no neutro plural e vem acompanhado do pronome interrogativo adjetivo concordando no neutro plural: “Não vês em (a) que templos viestes?”. Na tradução feita por Rocha Pereira: “Não olhas para a mansão a que chegastes?”, não fica claro o ingresso, pelo o uso da preposição “para”, como na versão mais literal acima. Ainda com o uso do *in* encontramos:

(12) ”... quod docti homines nervis imitati atque cantibus aperuerunt sibi reditum IN HUNC LOCUM,...” (parágrafo 18)

(13) “Quocirca si reditum IN HUNC LOCUM desperaveris...” (parágrafo 25)

Que possuem o mesmo caso, porém em parágrafos diferentes, “abriram para si o retorno (o caminho de volta) a este lugar” (12) e “se desesperasses da volta a este lugar” (13). Vemos em ambos a expressão *reditum in hunc locum* (“volta a este lugar”), mostrando a direção e reingresso ao mesmo tempo. Vejamos agora o emprego da preposição *ad* com significado de aproximação:

(14) “Quin tu aspicias AD TE venientem Paulum patrem?” (parágrafo 14)

(15) “Quin huc AD VOS venire propero?” (parágrafo 15)

(16) “... ubi Nilus AD ILLA, quae Catadupa nominantur, praecipitat ex altissimis montibus” (parágrafo 19)

(17) “Haec ego admirans referebam tamen oculos AD TERRAM identidem.” (parágrafo 19)

(18) “Suis te oportet illecebris ipsa virtus trahat AD VERUM DECUS;...” (parágrafo 25)

Em todas essas ocorrências, destaca-se a idéia de aproximação, mas sem a idéia de penetração, de introdução, de reingresso ou de entrada. Há duas perguntas mostrando aproximação: “Por acaso não vês aproximar-se de ti o teu pai Paulo?” (14), ou mais literalmente: “Não vês o teu pai Paulo que vem para junto de ti?” (14), que mostra melhor a aproximação. No seguinte, “Por que não me apresso a juntar-me a vós?” (15), ou mais ao pé da letra: “Porque não me apresso em vir para junto de vós?”(15).

Em (16) e (17), a preposição *ad* não indicando aproximação, mas a direção para onde se está indo ou onde ocorre a ação. Em (16), o Nilo se precipita das catadupas, isto é, as águas do rio

se aproximam e caem das altas montanhas. Já em (17) a idéia de aproximação da visão, pois voltava de novo os olhos em direção à terra.

Em (18) não é indicada a aproximação a algo concreto, mas não deixa de ser considerado acusativo de direção e conseqüentemente aproximação de um valor abstrato. Como se pode ver na tradução de Rocha Pereira: “É pelos seus próprios atrativos que a virtude em si há de levar à verdadeira honra.”

Uma ocorrência de suma importância, para confrontar as duas preposições, é a (8): “*Cum IN AFRICAM venissem M. Manilio consuli AD QUARTAM LEGIONEM tribunus, ut scitis, militum...*” com sua tradução: “ Quando cheguei NA AFRICA, na qualidade de tribuno da (junto à) QUARTA LEGIÃO, às ordens do cônsul Mânio Manílio, como sabeis,...”. A preposição *in* é utilizada com o sentido de direção, como foi visto, mas a preposição *ad* é usada para indicar a adjacência de quem comanda com a atribuição do cônsul, a justificar a sua ida à África e ainda o dativo para destacar um emprego tipicamente atributivo.

### C) Acusativo com Infinito

Em português temos os pronomes pessoais retos eu, tu, ele, nós, vós, eles, que exercem a função de sujeito. Entretanto, os pronomes oblíquos me, te, se/o, nos, vos, se/os exercem a função de sujeito em casos, como “Mandaram-me sair”, ao invés de “Mandaram eu sair”. Temos em português a oração reduzida de infinitivo, em que o pronome *me* oblíquo acusa a presença do acusativo com infinito: *me* é objeto de mandaram e sujeito de sair. Consagrou-se o emprego da forma oblíqua *me* que atesta sua origem latina. Se ao invés da reduzida “Mandaram-me sair”, se desenvolvesse a oração subordinada “Mandaram que eu saísse”, a integrante que denotaria a função objetiva da subordinada e a função do sujeito pessoal.

Em Latim, principalmente com os verbos *sentiendi* ou *declarandi* (*sentio, dico*), com os verba voluntatis (*volo, cupio*) e com os *verba affectuum* (*gaudeo*), temos a construção do acusativo com infinito tornando-se uma oração reduzida, enquanto em português o mais comum é ocorrer a subordinada introduzida pela conjunção integrante. Por isso, para traduzir as orações subordinadas substantivas ao Latim, o sujeito da oração vai para o acusativo e o verbo para o infinitivo (presente, passado ou futuro). Fundamental é observar essa característica em Cícero:

(19) “Erant autem eae stellae, quas numquam ex hoc loco vidimus, et eae magnitudines omnium, QUAS ESSE numquam suspicati sumus,...”(parágrafo 16)

(20) “... tamen propter eluviones exustionesque terrarum, QUAS ACCIDERE TEMPORE CERTO necesse est...” (parágrafo 23)

(21) “Tu vero enitere et sic habeto, NON ESSE TE MORTALEM, SED CORPUS HOC;...” (parágrafo 26)

Nas três ocorrências, o verbo está no infinitivo presente (*esse, accidere*): “que nós suspeitávamos que existissem”, numa tradução mais literal que a de Rocha Pereira: “cuja existência nunca suspeitamos”. Já em (20), a oração principal é constituída por um verbo impessoal que também exige acusativo com infinito latino. Em Português podemos traduzir com a reduzida, como R. Pereira: “que é forçoso sobrevirem periodicamente”, ou com a desenvolvida: “dilúvios e incêndios das terras que é necessário que aconteçam de tempos em tempos.”

Em (21), “tem como certo QUE TU NÃO ÉS MORTAL, MAS ESTE CORPO”. A oração completiva se ajuda da preposição integrante, enquanto em latim o sujeito tu vai para o acusativo (*te*) e o verbo ser vai para o infinitivo (*esse*). Analisemos mais algumas ocorrências:

(22) “...et [vides] IN IPSIS QUASI MACULIS, ubi habitatur, VASTAS SOLITUDINES INTERIECTAS [ESSE]...” (parágrafo 20)

(23) “...EOSQUE, qui incolunt terram, NON MODO INTERRUPTOS ITA ESSE...” (parágrafo 20)

Nas ocorrências destacadas, temos o infinitivo passado passivo *interiectas [esse]*(22) e *interruptos esse* (23), cujos sujeitos são respectivamente *vastas solitudines* e o pronome demonstrativo *eos* que precede e que vem explicado pela oração relativa.

(24) “Nam pricipium exstinctum nec ipsum ab alio renascetur nec ex se aliud creabit, si quidem necesse est A PRINCIPIO ORIRI OMNIA.” (parágrafo 27)

Já nessa última temos o emprego de um infinitivo depoente (a forma apenas é passiva): “se pois é necessário que todas as coisas nasçam de um princípio”, mais uma vez o verbo impessoal com seu acusativo, com infinito sendo em Português traduzido pela oração subordinada completiva subjetiva.

## **X) Outros Empregos**

### **a) Acusativo de Tempo**

O acusativo usado com as preposições *ad* e *in* significan até quando, duração. Quando não há o uso da preposição, o acusativo de tempo também pode indicar duração, como em: *regnavit tres annos*, se a ação ainda continua e na expressão, *viginti annos natus* (tem 20 anos), porém não há exemplos no *Somnium Scipionis*. Na obra de Cícero só foram encontrados dois exemplos que remetem ao acusativo de tempo.

(25) “Post autem apparatu regio accepti sermonem IN MULTAM NOCTEM produximus, ...” (parágrafo 10)

(26) “...et qui AD MULTAM NOCTEM vigilassem ...”(parágrafo 10)

As frases mostram a engenhosidade do prosador ao construir sua obra empregando *in* e *ad* conforme o verbo empregado: *produco*, no primeiro exemplo, significando conduzir para dentro, “para noite adentro” e *vigilo*, significando estar acordado, “ficar desperto até alta hora”.

A diferença entre as duas são as preposições *in* e *ad*, que no sentido de tempo podem ser empregadas sem distinção específica. Em (26) temos: “Depois de recebidos com régia pompa, prolongamos a conversa noite adentro.”, e em (27): “... e tinha estado desperto até muito tarde...”, mostrando a duração do tempo, sua extensão durante um intervalo em que aconteceu algum fato.

### b) Derivados

Como foi dito no acusativo objeto direto, alguns verbos que, quando simples são intransitivos transformam-se em verbos transitivos quando unidos a um preverbo, ou seja, a um prefixo. Os verbos compostos por *circum-*, *praeter-* e *trans-*, são os mais comuns, mas há ainda os verbos compostos por *ad-*, *ante-*, *cum-*, *ex-*, *in-*, *inter-*, *ob-*, *prae-*, *sub-*.

O uso das preposições em verbos que regem acusativo possui uma única regra prática, a qual afirma que o latim tende a considerar verbos transitivos os compostos que têm sentido figurado, mas na maioria dos casos prefere repetir a preposição, ou utilizá-la em conjunto no sentido literal. Podemos ver isso através dos exemplos: *Ingredior in urbem*, (entro na cidade), no sentido literal, fazendo uso da preposição, e *ingredior consulatum*, no sentido figurado, o qual possui a preposição ligada a sua composição. Vejamos as ocorrências:

(27) “... nihil mihi fuit potius, quam ut Masinissam CONVENIREM REGEM, familiae nostrae iustis de causis amicissimum.” (parágrafo 9)

(28) “Cum autem Carthaginem deleveris, triumphum egeris censorque fueris et OBIERIS legatus AEGYPTUM, SYRIAM, ASIAM, GRAECIAM, ...” (parágrafo 11)

(29) “Ex his ipsis cultis notisque terris num aut tuum aut cuiusquam nostrum nomen vel Caucasum hunc, quem cernis, transcendere potuit vel ILLUM GANGEM TRANATARE?” (parágrafo 22)

Podemos ver que a junção do verbo simples mais o preverbo geram um verbo transitivo. Os verbos *convenire*, *obieris*, e *tranatare*, transcritos conforme utilizados por Cícero derivam de verbos intransitivos, *venio*, *obeo* e *nato* respectivamente. Porém alguns deles podem ser transitivos e intransitivos, dependendo da frase, como *convenire* e *obiere*. Vejamos outro exemplo:

(30) “Quocirca si REDITUM in hunc locum DESPERAVERIS, in quo omnia sunt magnis et praestantibus viris, ...” (parágrafo 25)

Há ainda alguns verbos que em são transitivos em latim e não o são em português. É o caso da discrepância de regime, como é visto em (30). Os *verba affectuum*, neste caso *desperare*, admitem em latim a construção transitiva que corresponde em português à construção preposicional. A maioria destes verbos podem ser construídos também no ablativo com a preposição *de* e em português, como o verbo passa a ser indireto, a tradução faz uso de uma preposição. Por isso nesse exemplo temos a tradução “desesperasse da volta” ou “desesperasse de voltar”.

### c) Complemento com Preposições

A preposição é a classe de palavras que serve para ligar tempos da oração, indicando tempo, lugar ou outras noções. Em latim as preposições podem reger o ablativo ou acusativo e são empregadas para indicar as circunstâncias ou complementos existentes na frase. Seleccionamos alguns exemplos no *Somnium Scipionis*:

(31)“Erat autem is splendidissimo candore INTER FLAMMAS circus elucens.”(parágrafo 16)

(32)... praecipitat ex altissimis montibus, ea gens, quae illum locum accolit, PROPTER MAGNITUDINEM sonitus sensu audiendi caret.” (parágrafo 19)

Em (31) há a indicação de lugar, através da preposição *inter*, podendo ser traduzida pelas palavras “entre” ou “no meio de”. Podemos traduzir como “entre as chamas” o trecho em questão. Já a preposição *propter*, em (32), indica proximidade e/ou causa, podendo ser traduzida por “por causa de” ou “perto de”. Neste trecho, para que a frase tenha sentido, é utilizada a primeira sugestão, ficando assim, “... por causa da magnitude do ruído...” Vejamos outras preposições:

(33)“... qui nec pauciores et certe meliores fuerunt viri – praesertim cum APUD EOS IPSOS, a quibus audiri nomen nostrum potest ...” (parágrafo 24)

(34) “Namque eorum animi, (...) corporibus elapsi CIRCUM TERRAM IPSAM volutantur nec hunc in locum nisi multis exagitati seculis revertuntur.” (parágrafo 29)

A preposição *apud* foi utilizada em (33) com o sentido de “junto a” ou “perto de”, como nos mostra a tradução, “... entre aqueles mesmos, junto dos quais se pode ouvir o nosso nome,...” Por fim, temos a preposição *circum*, que independente da frase, indicará lugar: “... depois de abandonarem os corpos, andam a volta da própria Terra...”(34), em que a preposição mostra o

lugar em volta da terra, podemos dizer mais precisamente o espaço no qual se encontram os espíritos que não podem nem ir para um lugar supremo nem retornar a Terra.

### 3.2 O GENITIVO

O genitivo em seu uso geral é classificado como o caso mais problemático dentre os casos latinos, já que não são facilmente delimitadas as suas funções sintáticas. A função do genitivo no indo-europeu parece ter sido a de estabelecer uma relação entre a ação verbal e um nome ou mais.

Mesmo com sua grande multiplicidade de empregos, o genitivo é, de um modo geral, utilizado para indicar o todo do qual se toma uma parte ou como determinante do substantivo. Por isso fez-se uma classificação em: A) Genitivo Restritivo, B) Genitivo Complemento Nominal, C) Genitivo Partitivo, e X) Outros Casos.

#### A) Genitivo Restritivo

Um dos elementos que pode estar presente na frase é o adjunto adnominal restritivo, que qualifica o nome, restringindo seu sentido, especificando-o. Em português, o adjunto adnominal restritivo vem normalmente acompanhado da preposição “de”. Com a introdução dessa preposição, para indicar especialmente posse, bem com a formação do dativo, fazendo-o preceder *ad* ao nome, o Latim Vulgar decretava o fim das declinações, o que se pode averiguar nas suas derivações semânticas. Vejamos algumas das múltiplas ocorrências em Cícero:

(35) “...offendes rem publicam consiliis perturbam NEPOTIS MEI.” (parágrafo 11)

(36) “Nam cum aetas tua septenos octiens SOLIS anfractus reditusque converterit...” (parágrafo 12)

(37) “Hunc ut comites consequuntur VENERIS alter, alter MERCURII cursus...” (parágrafo 17)

O genitivo restritivo designa o sujeito da ação verbal, como podemos ver: “... darás com uma republica perturbada pelos planos DE UM NETO MEU.” (35); “Mas quando a sua vida tiver visto oito vezes sete revoluções anuais DO SOL,...” (36); e “Acompanham-me como seus satélites, a órbita DE VÊNUS e DE MERCÚRIO...” (37). Vemos que é a preposição “de” que caracteriza o genitivo em português, que é chamado de adjunto adnominal restritivo. Atentemos a outras ocorrências:

(38) “... quod quidem in terris fiat acceptius quam concilia coetusque HOMINUM iure sociati, quae civitates appellantur ...” (parágrafo 13)

(39)“Deinde est HOMINUM generi prosperus et salutaris ille fulgor, qui dicitur IOVIS...” (parágrafo 17)

(40)“Tu enim quam celebritatem SERMONIS HOMINUM aut expetendam consequi gloriam potes?” (parágrafo 20)

(41)“Quin etiam si cupiat proles illa futurorum HOMINUM deinceps laudes UNIUS CUIUSQUE nostrum a patribus acceptas posteris prodere,...” (parágrafo 23)

Nas quais há a repetição do genitivo *hominum*, mostrando que este não é complemento do nome, mas genitivo restritivo e por isso temos *coetus hominum* (sociedades humanas, ou sociedades dos humanos), *genus hominum* (gênero dos homens), *sermones hominum* (fala dos homens) e *laudes hominum* (descendência dos homens). É o adjunto adnominal que modifica a frase e especifica restringindo o sentido do nome. Há ainda no (41) a clara atribuição em *unius cuiusque*: “Além disso, ainda que a descendência dos homens que virão queira transmitir à posteridade os louvores DE CADA UM de nós...”.

Um destaque especial merece esta ocorrência por mostrar a riqueza das inversões características da prosa clássica:

(42)“Quis in **reliquis** ORIENTIS aut OBEUNTIS SOLIS **ultimis** aut AQUILONIS AUSTRIVE **partibus** tuum nomen audiet?” (parágrafo 22)

Vê-se que ocorre a inversão entre nomes e adjetivos, o que chamamos de hipérbato, o qual pode ser solucionado com o entendimento dos casos. Podemos ver na tradução: “Nas **restantes regiões extremas** DO SOL NASCENTE ou POENTE ou DO NORTE ou DO SUL, quem ouvirá teu nome?”. Seria quase impossível uma tradução literal que mantivesse o hipérbato. Observemos também:

(43)“...quando finem habet motus, VIVENDI finem habeat necesse est.” (parágrafo 27)

(44)“Quin etiam ceteris, quae moventur, hic fons, hoc principium est MOVENDI.” (parágrafo 27)

Nessas o gerúndio latino é usado no genitivo quando substantivo verbal, pois é a declinação do infinitivo presente ativo. *Vivendi* é o correspondente de *vitae* e *movendi* o de *motus*, por isso *finem vivendi* pode ser também escrito como *finem vitae*, e do mesmo modo *fons principium movendi* pode ser reescrito como *fons principium motus*. O que não altera as traduções: “... é necessário que haja o fim da vida.” (43) e “É até a origem e principio do movimento das outras coisas que se movem.” (47). Temos a expressão típica latina na ocorrência seguinte:

(45) “Quem tu vidi, equidem vim LACRIMARUM profudi, ille autem me complexus atque osculans flere prohibebat.” (parágrafo 14)

É necessário saber que *vim lacrimarum profudi* é, na verdade, a forma declinada da expressão, *profudi lacrimas vi*, que significa chorar, ou seja, “derramei lágrimas com força”, que passa a *profudi vim lacrimarum*, usando o genitivo restritivo da palavra força, em vez de fazê-la modificar o sentido do verbo. Relevem-se ainda a ocorrência seguinte:

(46) Sed EIUS TEMPORIS ancipitem video quasi FATORUM viam.” (parágrafo 12)

”Mas vejo um caminho incerto DESTE TEMPO, como se fosse DOS FADOS”(46), em que o genitivo restringe o sentido de *via* (caminho) ao sentido figurado “deste tempo” e “do destino (dos fados)”. Neste excerto há múltiplas ocorrências de genitivos:

(47) “... qui se CORPORIS voluptatibus dediderunt earumque se quase ministros praebuerunt impulsuque LIBIDINUM voluptatibus OBOEDIENTIUM DEORUM et HOMINUM iura violaverunt ...” (parágrafo 29)

Todos eles são restritivos: *qui se corporis voluptatibus dediderunt*, ou seja, “que se entregaram aos prazeres do corpo”, mostrando que os corpos é que sentem prazer. Assim também acontece em *libidinum voluptatibus*, pois são os desejos que impulsionam, as paixões é que proporcionam prazeres e as paixões obedecem a eles (*voluptatibus* é complemento do verbo *Oboedio*). E finalmente, *DEORUM et HOMINUM iura violaverunt*, mostra que foram violadas as leis dos deuses e homens, pois são eles que às ditam.

### **B) Genitivo Complemento Nominal**

O Genitivo Complemento Nominal ou Genitivo Objetivo designa o objeto da ação verbal expressa pela palavra regente, cujo radical é transitivo. Esse complemento nunca faz, mas apenas recebe a ação. Em português utilizam-se as preposições “de”, “por”, “para com”, entre outras, de acordo com a regência do nome. Há muitas ocorrências no *corpus*, das quais destacamos:

(48) “... ita numquam ex animo meo discedit ILLIUS OPTIMI atque INVICTISSIMI VIRI memoria.” (parágrafo 9)

(49) “... tu eris unus, in quo nitatur CIVITATIS salus...” (parágrafo 12)

(50) “Hic ego, etsi eram perterritus non tam MORTIS metu quam INSIDIARUM a meis...” (parágrafo 14)

Foram assim traduzidas por R. Pereira: “... a tal ponto não se afastou da meu espírito a memória daquele tão excelso e invicto varão” (48), “Tu serás o único em que se apóia a salvação da cidade, ...” (49), e, “Então eu, apesar de aterrado, não tanto pelo medo da morte

como da ciladas dos meus, ...” (50). Os genitivos complementam a frase através do objeto da ação verbal expressa por nomes, pois o homem é que é lembrado, a cidade é que deve ser salva, e a morte e as ciladas que devem ser temidas. Observe-se ainda o emprego do demonstrativo em:

(51)“... quae civitates appellantur; HARUM rectores et conservatores hinc profecti huc revertuntur.” (parágrafo 13)

O genitivo *harum* restringe o predicativo do sujeito *civitates* – que por estar numa frase passiva deixa de ser predicativo do objeto – e que funciona como resultado da ação expressa pelos nomes *rectores* (*regere*) e *conservatores* (*conservare*): “Os regedores e conservadores DELAS, que daqui partiram, para cá regressam.”. Vejamos ainda outras ocorrências modelares:

(52)“Sunt autem optimae curae de salute PATRIAE...” (parágrafo 29)

(53) “Hic vivunt, qui e CORPORUM vinculis tamquam e carcere evolaverunt,...” (parágrafo 14)

Nessas ocorrências *patriae*, é objeto que complementa *salute*: “Os melhores cuidados são, pois os da salvação DA PÁTRIA” (52), enquanto em (53), *vinculis* vem de *vincio* –*ire*, que significa amarrar, prender, e *vinculum*, -i n., que significa, no plural, agulhões, portanto, os corpos os prendiam, encarceravam: “Aqui vivem aqueles que saíram voando dos vínculos DOS CORPOS, como se fosse de um cárcere.”

### C) Genitivo Partitivo

O genitivo partitivo pode, em sentido amplo, ser classificado como o todo do qual se toma uma parte. Usado em geral com substantivos, adjetivos e pronomes que remetem a número, quantia, divisão, medida, etc. E também com alguns advérbios de lugar e tempo. Empregava-se muito em Latim e ainda se conserva em Francês e em Italiano, pois era comum em Latim vulgar (*bibere de vino, je bois du vin, prendere del vino*). Foram encontradas em Cícero apenas seis ocorrências:

(54)“Novem tibi orbibus vel potius globis conexas sunt omnia, QUORUM unus est caelestis ...” (parágrafo 17)

(55) “Duos sunt habitabiles, QUORUM australis ille, in quo,...” (parágrafo 21)

Nessas, o uso do pronome possessivo *quorum* é que caracteriza o partitivo: “Todo o universo está ligado por nove círculos, ou melhor, esferas DOS QUAIS um é um ser celestial...”(54) e “Dois são habitáveis, DESSES, o austral, no qual ...”(55). Em (55) o partitivo delimita o número de esferas e em (56) o número de esferas habitáveis. Observemos ainda as ocorrências a seguir:

(56) “Ex his ipsis cultis notisque terris num aut tuum aut cuiusquam NOSTRUM nomen vel Caucasum hunc ...” (parágrafo 22)

(57) “Quin etiam si cupiat proles illa futurorum hominum deinceps laudes unius cuiusque NOSTRUM a patribus acceptas posteris prodere, ...” (parágrafo 23)

em que o pronome pessoal *nostrum*, partitivo, se opõe ao genitivo normal *nostrum*. Assim como em *vestrum* (“dentre vós”) e *vestri* (de vós): “Acaso nesta mesma Terra habitada e conhecida o teu nome ou o de qualquer DE NÓS pode ultrapassar o Cáucaso que vês aqui, ...” (56) e “Além disso, ainda que a descendência dos homens que virão queira transmitir à posteridade os louvores de cada um DE NÓS...” (57). Outros empregos, enfim, podem servir de modelo:

(58) “... in quo omnia sunt magnis et praestantibus viris QUANTI tandem est is hominum gloria ...” (parágrafo 25)

(59) “Illi autem octo cursus, in quibus eadem vis est DUORUM, ...” (parágrafo 18)

Nestes casos o partitivo liga-se à noção de quantidade através de *quanti* e do numeral cardinal *duorum*: “... onde há tudo o que podem desejar homens grandes e de valor, QUANTO valeria essa glória humana...” (58) e “Ao passo que as oito esferas móveis, nas quais duas têm o mesmo valor, ...” (59), mostram o adjetivo substantivado em *quanti* (58) e a separação de duas esferas dentre oito (59).

## X) Outros Empregos

### a) Locativo

Alguns nomes, quando não estão acompanhados de adjetivos, são empregados no locativo para indicar “lugar onde”. Na primeira e segunda declinações o locativo tem a mesma forma do genitivo (-ae, -i), enquanto na terceira declinação nos *pluralia tantum* corresponde ao ablativo.

(60) “...quousque HUMI defixa tua mens erit?” (parágrafo 17)

O substantivo *humus*, da segunda declinação corresponde ao genitivo: “Até quando é que o teu espírito ficará preso À TERRA?”

## 3.3 O DATIVO

O dativo indica atribuição, sendo, portanto, um atributivo, em português indicado com a preposição “a” ou “para”. Esse é o sentido primitivo do Dativo: mesmo quando regido por um verbo ou por um nome, embora classificado como Objeto Indireto ou Complemento Nominal, essa idéia básica permanece. Expressa o termo ideal ou intencional da ação indicada pelo radical transitivo, seja do nome, seja da ação verbal. Portanto o dativo é o termo a quem ou a que se dirige, refere, ou interessa a ação expressa pelo verbo ou radical.

### A) Dativo Objeto Indireto

Vamos nomear Dativo de Objeto Indireto esse Dativo que é regido por um radical verbal ou nominal. Em português, a presença da preposição “a” ou “para” antes do complemento verbal traduz o Dativo latino, enquanto as outras preposições indicam os outros objetos ditos indiretos. Vejamos algumas das ocorrências em Cícero:

(61) “Grates, inquit, TIBI AGO, summe Sol, vobisque reliqui Caelites, ...”

(parágrafo 9)

(62) “Hic tu, Africane, OSTENDAS oportebit PATRIAE lumen animi, ingenii consiliiue tui.” (parágrafo 12)

(63) “Igitur, alte spectare si voles atque hanc sedem et aeternam domum contueri, neque te SERMONIBUS vulgi DEDERIS ...” (parágrafo 25)

(64) “Quod autem motum AFFERT ALICUI, ...” (parágrafo 27)

Os verbos dessas frases são transitivos diretos e indiretos, e podem exigir um complemento no acusativo e um complemento no dativo. O complemento no dativo traz a idéia de atribuição ou destinação, como vemos: “rendo-TE graças”, “mostres luz À PÁTRIA”, “te entregues ÀS CONVERSAS”, “transmite o movimento A ALGUÉM”

Em geral, verbos que significam dar, enviar, aconselhar, dizer, impor, pedir, suplicar, prometer, entre outros, necessitam de dois complementos: um de objeto direto e um complemento que indica atribuição ou destinação por serem verbos transitivos diretos e indiretos ou “bitransitivos”. Vejamos:

(65) “Quare et tibi, Publi, et piis omnibus retinendus animus est in custodia corporis nec iniussu eius, a quo ille est VOBIS DATUS ...” (parágrafo 15)

(66) “Infra autem iam nihil est nisi mortale et caducum praeter animos munere deorum hominum GENERI DATOS; ...” (parágrafo 17)

Como se vê, o verbo transitivo direto e indireto na voz passiva mantém no dativo o complemento atributivo, mas o objeto direto passa do Acusativo para o Nominativo (sujeito): *ille* é sujeito de *datus est a quo*, mas seria “*qui illum* (acusativo) *vobis* (dativo) *dedit*”, na voz ativa. Mais complexo é especificar a ocorrência (65): “além das almas dadas ao gênero dos homens pela dádiva dos deuses”, portanto, “além das almas que foram dadas” que no ativo ficaria : “*praeter animos quos* (acusativo) *munus deorum hominum generi* (dativo) *dedit*.”; “além das almas que a dádiva dos deuses destinou ao gênero humano(acusativo)”. Atenemos agora a outra ocorrência que possui dois dativos:

(67) “... qui se corporis VOLUPTATIBUS DEDIDERUNT earumque se quase ministros praebuerunt impulsuque libidinum VOLUPTATIBUS OBOEDIENTIUM deorum et hominum iura violaverunt, ...” (parágrafo 29)

Primeiramente aparecem Acusativo e Dativo típicos do verbo transitivo direto e indireto *dedo*: “qui SE (acusativo) VOLUPTATIBUS (dativo) dediderunt” (“que SE entregaram AOS PRAZERES”). Por outro lado, temos o verbo *oboedio* que em latim é intransitivo por exigir apenas o complemento atributivo (dativo) e além disso, está no particípio presente, adjetivo verbal, que concorda com o genitivo (*libidinum voluptatibus*): “*impulsuque libidinum voluptatibus oboedientium*”, ou seja: “por impulso das paixões QUE OBEDECEM aos prazeres”. Como vemos o particípio presente é traduzido em Português por oração adjetiva.

### B) Dativo Atributivo

Deste significado básico do dativo, como vimos, se originaram os demais. Sua principal função é indicar atribuição, podendo referir-se a quem ou a que se destina uma coisa além do interesse de quem ou para quem alguma coisa se faz (*dativus commodi/incommodi*). O que o distingue do “Dativo de Objeto Indireto” é que não vem a completar nenhum termo da frase, mas a própria frase passa a ser atribuída, é um verdadeiro “complemento atributivo”, que infelizmente nossa Nomenclatura Gramatical Brasileira de 1959 não contempla. Temos um verdadeiro complemento da frase, indicando a que ou a quem se destina a ação. Ou seja, para termos um Objeto Direto ou Complemento Nominal, tem que haver um radical transitivo, verbo ou nome, que dirá se a regência é verbal ou nominal e, nesse caso, não há essa exigência (transitividade). Entre os muitos empregos deste dativo, observemos:

(68) “... nihil MIHI fuit potius, quam ut Masinissam convenirem regem, ...” (parágrafo 9)

(69) “Nisi enim deus is, cuius hoc templum est omne, quod conspicias, istis te corporis custodiis liberaverit, huc TIBI aditus patere non potest. (parágrafo 15)

Ou seja, “nada foi mais importante para mim” (68) e: “ não pode estar aberta a entrada para ti”(69): podemos ver que a atribuição a algo e a alguém é um complemento frasal e não de regência. A mesma atribuição é expressa por pronomes pessoais (*mihi* e *tibi*) que podem ser traduzidas por : “para mim” e “para ti” ou pelos pronomes oblíquos átonos *me/te*, que são reminiscências do dativo em Português juntamente com “lhe”. Vejamos outros exemplos de dativo atributivo:

(70) “... tum rutilus horribilisque TERRIS, quem Martium dicitis;...” (parágrafo 17)

(71) “Namque ut olim deficere sol HOMINIBUS exstinguique visus est, ...” (parágrafo 24)

(72)“Quocirca si redivitum in hunc locum desperaveris, in quo omnia sunt magnis et praestantibus VIRIS, ...” (parágrafo 25)

Em (70), “Depois o que é rutilante e temível À TERRA, ao qual chamais Marte”, atribuí-se o que foi dito “à Terra”. O mesmo ocorre em (71) e (72): “Assim como outrora se viu faltar e apagar-se a luz do sol para os homens” (71); “em que tudo existe PARA OS HOMENS GRANDES E SUPERIORES”(72), pois foram os homens que ficaram sem contemplar a luz do sol, para o primeiro caso, e não é para mim que tudo isso existe, mas “para os homens grandes e superiores”. Outra ocorrência a merecer destaque é esta, em que há um verdadeiro dativo de interesse:

(73) “Cum in Africam venissem M.' MANILIO CONSULI ad quartam legionem tribunus, ut scitis, militum...” (parágrafo 9)

Além de ser um dativo atributivo *M. Manilio* e designar a pessoa ou a coisa em cujo interesse se pratica a ação, Cícero mostra que essa atribuição é uma destinação, que a ordem é acatada de boa vontade e que este veio para servir ao Cônsul, para obedecer e cumprir um mandato: “Como tivesse vindo à África, como sabeis, na qualidade de tribuno militar junto à quarta legião A SERVIÇO DO CÔNSUL MÂNIO MANÍLIO”. Portanto, muito diferente seria o emprego do ablativo absoluto, *M. Manilio consule*, “quando era cônsul M. Manilio”, isto é, a relação seria de uma especificidade circunstancial temporal.

### C) Dativo Ético

O dativo Ético é diferente do atributivo por não ser gramatical. O dativo ético é usado para atribuir algo a nós, mas não é uma necessidade, como o atributivo que é um complemento da frase. Por isso é usado com as formas de 1ª e 2ª pessoas do pronome pessoal, indicando com isso a efetiva participação na ação expressa pelo verbo. São poucas as ocorrências no *corpus*:

(74)“... multisque verbis ultro citroque habitis ille NOBIS consumptus est dies.” (parágrafo 9)

(75) “Iam ipsa terra ita MIHI parva visa est ...” (parágrafo 16)

(76)“... (vides) eosque (...) sed partim obliquos, partim transversos, partim etiam adversos stare VOBIS; ...” (parágrafo 20)

Como podemos ver em (74), (75) e (76), não há a regência de verbos ou nomes, como acontece em muitos casos, mas a intenção de mostrar que a frase afeta a mim, a nós, ou a vós, como vemos na tradução das frases: “muitas palavras foram trocadas de parte a parte, e o dia se consumiu PARA NÓS”. (74); “já a própria terra ME pareceu assim pequena” (75), e: “(vês que) aqueles estão PARA VÓS em parte oblíquos, parte atravessados e também parte opostos”. Vejamos agora talvez o mais expressivo dos dativos éticos do *Somnium Scipionis*:

(77) “Novem TIBI orbibus vel potius globis conexas sunt omnia, ...” (parágrafo 17)  
 “Não vêes porventura em que templos entraste” o africano diz na frase anterior e continua com a ocorrência (77) “Todas as coisas te estão ligadas por nove círculos”. O estranho, para a ocorrência, é a presença de *tibi*: “Tudo TE está ligado por nove orbitas circulares”, em que o dativo é usado para dizer que isto te afeta, isto é assim para tu contemplares.

## **X) Outros Empregos**

### **a) Dativo com Verbos Compostos**

A regência do dativo ocorre muitas vezes em virtude da composição que muda o sentido da palavra fundamental, mediante palavras, preposições ou partículas que se lhes antepõem. E também por verbos, que na sua forma simples, são transitivos ou intransitivos e passam a ter a regência de dativo. Como vemos nestas ocorrências:

(78) “CUI SUBIECTI sunt septem, ...” (parágrafo 17)

(79) “... hic autem alter SUBIECTUS AQUILONI, quem incolitis, cerne quam tenui vos parte contingat.” (parágrafo 21)

Vemos em (78) e (79), que formas nominais também podem reger o dativo, como *subiecti* e *subiectus* que são derivados do verbo transitivo *jacio*: “sob a qual estão colocadas sete” e “este outro, porém esta posto sobre o aquilão”. Podemos ver verbos compostos ainda nas ocorrências a seguir:

(80) “(Deum...)... qui tam regit et moderatur et movet id corpus, CUI PRAEPOSITUS est, ...” (parágrafo 26)

(81) “quamquam a pueritia vestigiis ingressus patris et tuis DECORI vestro non DEFUL...” (parágrafo 26),

Em (80), o verbo transitivo direto *pono*, unido à partícula *prae*, passa a reger o dativo: “e move este corpo a que foi posto à frente”, isto é, “que comanda”. Em (81) há dupla ocorrência: *ingressus* (< *gradior*) *vestigiis* e *decori vestro non defui* (< *sum*). *Gradior* (transitivo ou intransitivo), antecedido do prefixo *in-* passa a reger o dativo, assim como *defui*. Neste caso, porém, é de regra todos os derivados do verbo *sum* regerem o dativo.

### **b) Agente da Passiva**

A conjugação perifrástica passiva se forma com gerundivo (particípio futuro passivo) mais o verbo “ser” que indica modo e tempo, número e pessoa. Uma única ocorrência desse emprego clássico aparece no *corpus*:

(82) “Quare et TIBI, Publi, et PIIS OMNIBUS retinendus animus est in custodia corporis ...” (parágrafo 15),

Nesta, sujeito, *tibi et omnibus piis* (“tu e todos os piedosos”) vai para o dativo e o sujeito paciente *animus* (“alma”) se torna sujeito gramatical. Em uma tradução literal e inviável teríamos: “para ti e para todos os piedosos a alma deve ser conservada...”, ou seja, “...tu e todos os piedosos deveis conservar a alma...”

### c) Posse

Muito usado em latim é o dativo de posse, em que o possuidor vai para o dativo com o verbo *sum* (ser) e a coisa possuída passa a ser o sujeito (nominativo): *Habes fundum* vai para: *Tibi est fundus*. Vejamos a ocorrência:

(83) “... erit que cognomen id TIBI per te partum, ...”(parágrafo 11)

Portanto teremos: “terás este sobrenome por ti gerado”, ou mais literalmente “será para ti este sobrenome por ti gerado”.

## 3.4 O ABLATIVO

O Ablativo em Latim é o caso que se emprega também sem preposição, principalmente para indicar causa, meio ou instrumento, e tem vasto emprego, com ou sem preposição, para indicar quase todos os complementos circunstanciais de tempo, lugar, modo, companhia, matéria, qualidade, limitação, argumento etc. Destacaremos do levantamento das ocorrências de Ablativo em *Somnium Scipionis*: A) Ablativo de Origem, B) Ablativo Agente da Passiva, C) Ablativo de Tempo, D) Ablativo de Lugar e em seguida outras ocorrências em uso.

### A) Ablativo de Origem

Como podemos ver nas ocorrências abaixo, o ablativo de origem necessita na maioria dos casos de uma preposição, e usualmente é utilizada *e* ou *ex*, para indicar um movimento de dentro para fora, como em (84): “...no lugar onde o Nilo se precipita DE altíssimas montanhas, naquela região a que chamam Catadupa”. Porém, em alguns casos, há o uso da preposição *a* ou *ab*, como em (85) para indicar apenas afastamento: “eu que tinha ficado aterrorizado não tanto pelo medo da morte quanto pelo medo das insídias provenientes DOS MEUS”; e da preposição *de* que indica procedência mas com a conotação “de cima para baixo”, como na ocorrência (86): “ e mostrava-me Cartago, DE um lugar elevado e cheio de estrelas, claro e luminoso”.

(84) “...ubi Nilus ad illa, quae Catadupa nominantur, praecipitat EX ALTISSIMIS MONTIBUS...” (parágrafo 19)

(85) “Hic ego, etsi eram perterritus non tam mortis metu quam insidiarum A MEIS, quaesivi tamen...” (parágrafo 14)

(86) “Ostendebat autem Carthaginem DE EXCELSO et PLENO stellarum, ILLUSTRIS et CLARO QUODAM LOCO.” (parágrafo 11)

Vejamos outros complementos de origem nas ocorrências (87), (88) e (89):

(87) “Grates, inquit, tibi ago, summe Sol, vobisque, reliqui Caelites, quod, antequam EX HAC VITA migro...” (parágrafo 9)

(88) “Quare et tibi, Publi, et piis omnibus retinendus animus est in custodia corporis nec iniussu eius, a quo ille est vobis datus, EX hominum VITA migrandum est...” (parágrafo 15)

(89) “Immo vero, inquit, hi vivunt, qui E corporum VINCULIS tamquam E CARCERE evolaverunt...” (parágrafo 14)

Com os verbos *migro*, em (87) e (88), *evolaverunt* (89) e também *praecipitat* (84). Vemos que *ex hac vita migro*, que significa morrer, literalmente é “sair desta vida”, assim como (88): “e vós não deveis emigrar da vida dos homens”, isto é, com o uso característico do dativo agente da passiva para o sujeito da ação e que em Português se traduz com a forma ativa.

O verbo *evolaverunt* (89), originado de *ex volo*: “voar de dentro para fora”, é conservado em Português, pois, como prefixos preservam normalmente sua significação original como acontece também em: Emergir, DEcair, DEpreciar, ABjurar, ABSolver. Por isso a tradução: “... estão vivos aqueles que se EVOLARAM (saíram) das cadeias corpóreas, como (se fosse) de um cárcere...”. Vejamos a idéia de origem também em (90), (91) e (92):

(90) “...iisque animus datus est EX ILLIS SEMPITERNIS IGNIBUS...” (parágrafo 15)

(91) “EX QUIBUS summum globum possidet illa, quam in terris Saturniam nominant.” (parágrafo 17)

(92) “...Africanus se ostendit ea forma, quae mihi EX IMAGINE eius quam EX IPSO erat notior...” (parágrafo 10)

A origem é complementar à oração e não é exigida por um verbo ou nome em especial: “Foi-lhes dada uma alma A PARTIR (tirada, extraída, retirada) daqueles fogos sempiternos” (90), e: “DENTRE AS quais a mais distante (a última) possui (é ocupada por) aquela que na Terra chamam de Saturno.” (91), na versão mais literal que fizemos do texto latino.

Na ocorrência (92), podemos observar o duplo ablativo de origem. Rocha Pereira assim traduz: “O Africano de mostrou com o aspecto que eu lhe conhecia, mais pela sua efígie que pessoalmente” em que não fica clara a noção de origem. Mas literalmente poderíamos dizer “se mostrou com o aspecto que eu conhecia mais (com que a mim era mais conhecido) a partir de sua efígie que dele próprio.”

## B) Ablativo Agente da Passiva

Quando o sujeito recebe a ação, ao invés de praticar, como na voz ativa, dizemos que o verbo está na voz passiva. O sujeito da oração continua no nominativo, porém o sujeito da ação verbal é o termo integrante chamado Agente da Passiva, que pratica a ação nas orações passivas. Em Latim, quando o agente da passiva é um ser inanimado normalmente vai para o ablativo sem preposição, mas quando este é pessoa ou ser animado o ablativo deve ser precedido da preposição *a/ab*. Portanto uma das funções do ablativo é indicar o agente da passiva. E muitas ocorrências se encontram no *corpus* clássico:

(93)“...antequam ex hac vita migro, conspicio in meo regno et his tectis P. Cornelium Scipionem, cuius ego NOMINE ipso recreor;...” (parágrafo 9)

(94)“Hunc ut comites consequuntur Veneris alter, alter Mercurii cursus, in infimoque orbe Luna RADIIS solis accensa convertitur.” (parágrafo 17)

(95)“Hic est, (...) qui INTERVALLIS disiunctus imparibus, sed tamen pro rata parte distinctis IMPULSU et MOTU ipsorum orbium efficitur...” (parágrafo 18)

(96) “Inanimum est enim omnem quod PULSU agitur EXTERNO, quod autem est animal, id MOTU cietur INTERNO et SUO...” (parágrafo 28)

(97)“Omnis enim terra, quae colitur A VOBIS, angustata VERTICIBUS, lateribus latior parva quaedam insula est circumfusa illo MARI...” (parágrafo 21)

Nestas ocorrências, (93), (94), (95), (96) e (97), o ablativo agente da passiva é utilizado sem a preposição, o que mostra que se refere a algo inanimado. Como vemos: “...sou reanimado pela simples audição de seu nome” (93), “...iluminada PELOS RAIOS do sol”(94), “É aquele separado por INTERVALOS desiguais, contudo divididos segundo uma parte determinada é provocado pelo IMPULSO e MOVIMENTO das próprias esferas...” (95), “Pois é desprovido de alma aquilo que é movido por um IMPULSO EXTERNO, ao passo que os seres animados se agitam POR UM MOVIMENTO PRÓPRIO INTERIOR...” (96), e, “Pois toda a Terra, em que morais, que estreitece NOS PÓLOS e se alarga mais dos lados é uma pequena ilha banhada por aquele MAR, ...” (97).

Em (97), vemos também o agente da passiva precedido da preposição *a*, mostrando que o agente é um ser animado, “*quae colitur a vobis*”: “que é habitada por vós”. Vemos isso também em outras ocorrências:

(98)“...vel concidat omne caelum omnisque natura et consistat necesse est nec vim ullam nanciscatur QUA A PRIMO impulsa moveatur.” (parágrafo 27)

(99)“Cum pateat igitur aeternum id esse, quod A SE IPSO moveatur...” (parágrafo 28)

O uso da preposição mostra que o agente da passiva é um ser animado: “... aliás seria necessário que caísse todo o céu e que parasse a terra toda e que não encontrasse nenhuma força pela qual se movesse impelida PELO PRIMEIRO” (98), e “Estando patente que é eterno tudo aquilo que move POR SI MESMO...”(99).

O português, assim como o espanhol, introduz de regra o agente da passiva com a preposição “por”(pelo, pela), atestando sua origem no latim vulgar, que tornou freqüente o uso da preposição para substituir os casos. Mas já nos clássicos se encontram ocorrências de uso da preposição *per* indicando causa, como vemos em duas ocorrências nesse excerto de Cícero:

(100) “Videsne illam urbem, quae parere populo Romano coacta PER ME renovat pristina bella nec potest quiescere?” (parágrafo 11)

(101) “Hanc hoc biennio consul evertes, eritque cognomen id tibi PER TE partum, quod habes adhuc a nobis hereditarium.” (parágrafo 11)

Era de se esperar nesses casos que fosse utilizado *coacta a me* e *a te partum*, porém foi utilizado *per me* e *per te*: “coagida por mim” e “possuirás por ti”

### C) Ablativo Absoluto

Entre as peculiaridades da prosa Clássica Latina, uma das mais importantes e freqüentes é o ablativo absoluto. Quando há uma oração reduzida formada com o verbo no particípio presente ou passado no ablativo concordando com o sujeito também no ablativo, temos em latim o chamado Ablativo Absoluto. Esse particípio não possui nada em comum com a oração principal, e por isso o sujeito da cláusula e o seu predicado vão para o ablativo e devem concordar em gênero e número com o substantivo sujeito da cláusula participial, por esta ser um adjetivo.

O ablativo absoluto é muito comum na prosa clássica latina e deixou reminiscências também em Português. Vejamos: “TERMINADA A TAREFA, os alunos saíram.”, a frase chama-se reduzida por seu verbo estar no particípio. Se desenvolvermos a oração: “Depois que terminaram as tarefas, os alunos saíram” fica claro o caráter adverbial (temporal) da oração subordinada, mas é mais comum o uso da voz ativa. Perde-se o caráter de oração absoluta, por ter termos o mesmo sujeito para ambas as orações da frase, porém o sujeito da oração principal (alunos) é diferente do sujeito da reduzida (tarefas), por isso temos em Português um verdadeiro Ablativo Absoluto. Vejamos as ocorrências no *corpus*:

(102) “MULTISQUE VERBIS ultro citroque HABITIS ille nobis consumptus est dies.” (parágrafo 9)

Em (102), o verbo *habitis* é particípio passado passivo e seu substantivo é *verbis*. A oração principal é *ille nobis consumptus est*, em que o sujeito *ille dies* é diferente de “muitas

conversas”, em: “... tendo sido trocadas de parte a parte muitas conversas ...” Há ainda o uso do ablativo absoluto em:

(103) “Atque ut ego primum FLETU REPRESSO loqui posse coepi: ...”  
(parágrafo 15)

(104) “QUIBUS AMPUTATIS cernis profecto, quantis in angustiis vestra se gloria dilatari velit.” (parágrafo 22)

Em (103), temos o verbo no particípio em *represso* e seu sujeito no ablativo em *fletu*: “Logo que reprimi o choro...” ou na desenvolvida, “Depois que foi reprimido o choro...”. Já no (104), a tradução feita por R. Pereira não indica exatamente o ablativo absoluto: “Tira essas regiões, e verás, ...” pois o verbo não foi traduzido no particípio. Realizando a tradução de forma mais literal: “TIRADAS ESSAS REGIÕES VERÁS ...” ou na desenvolvida: “DEPOIS QUE FORAM TIRADAS ESSAS REGIÕES VERÁS...”. Nessa próxima ocorrência,

(105) “... quandoque ab eadem parte sol eodemque tempore iterum defecerit, TUM SIGNIS OMNIBUS AD PRINCIPIUM STELLISQUE REVOCATIS expletum annum habeto...” (parágrafo 24)

Temos: “ e quando ele (o sol) outra vez vier a faltar (*defecerit*, que é futuro perfeito do indicativo) do mesmo lado e no mesmo tempo (nas mesmas condições de tempo e lugar) então tendo sido chamadas de volta (reconduzidas) ao princípio todas as constelações e estrelas, tenham certeza que um ano se completou (*expletum [esse]*)

#### D) Ablativo de Lugar

O Ablativo de lugar “onde” se expressa com a preposição *in*, exceto em alguns casos específicos como com nomes de cidades, ilhas pequenas. Das múltiplas ocorrências encontradas em Cícero apontamos algumas:

(106) “Omnis enim terra(...)angustata VERTICIBUS LATERIBUS latior parva quaedam insula est circumfusa illo mari ...”(parágrafo 21)

Vemos na ocorrência que não há o uso da preposição: “Pois toda a Terra, [...] que estreitece NOS PÓLOS e se alarga mais DOS LADOS, é uma vem pequena ilha banhada por aquele mar...”

(107) “...omnibus qui patriam conservaverint, adiuverint auxerint, certum esse IN CAELO definitum locum...” (parágrafo 13)

(108) “...(animus)cum erit inclusus IN CORPORE...” (parágrafo 29)

Nessas ocorrências, o uso da preposição com verbos que exprimem a idéia de repouso, permanência, estado duradouro e também com verbos de movimento: “... para todos aqueles

que salvaram a pátria, que a socorreram, que a dilataram, está guardado NO CÉU um lugar reservado...” (107), e “(a alma) já quando for encarcerada NO CORPO...” (108).

(109) “... ex quibus erat ea mínima, quae ultima A CAELO, citima A TERRIS luce lucebat aliena.” (parágrafo 16)

Por fim, vemos na ocorrência (109) que utiliza a preposição *a/ab* para indicar de onde: “Dentre essas, a última DO CÉU e mais próxima DA TERRA, era a menor, que brilhava com luz alheia.”

### E) Ablativo de Tempo

Quando sem preposição, o ablativo de tempo procura responder à questão “quando” ou “em quanto tempo” determinado fato ocorreu e pode indicar hora, estações do ano, datas. A sua construção pode ocorrer com o auxílio de preposição quando não houver atributo. Vejamos as ocorrências:

(110) “... tamem propter eluviones exustionesque terrarum, quas accidere TEMPORE CERTO necesse est...” (parágrafo 23)

(111) “... quandoque ab eadem parte sol eodemque TEMPORE iterum defecerit...” (parágrafo 24)

(112) “... cum autem ad idem, unde semel profecta sunt, concta astra redierint eandemque totius caeli discriptionem LONGIS INTERVALLIS rettulerint ...”(parágrafo 24)

(113) “Namque eorum animi(...) corporibus elapsi circum terram ipsam voluntantur nec hunc in locum nisi MULTIS exagitati SAECULIS revertuntur.” (parágrafo 29)

O ablativo de tempo segue a regra que nomes que indicam época, acontecimento, acompanhados de adjetivos ou de genitivo, não farão uso da preposição *in*, como podemos ver nas ocorrências (110), (111), (112) e (113). Em (110), e (111) há o uso do mesmo substantivo mostrando o tempo: “... devido a incêndios e dilúvios que acontecem DE TEMPOS EM TEMPOS...” (110), e: “... no dia em que nas mesmas condições de lugar e TEMPO (no tempo certo) ele (o sol) tornar a faltar...” (111), e mais literalmente: “e quando o sol do mesmo lado (a partir do) e no mesmo tempo faltar novamente”

Nas ocorrências (112) e (113), podemos ver em quanto tempo determinado fato ocorreu: “... é quando todos os astros tiverem voltado ao mesmo ponto de onde partiram e retomado a mesma posição, após UM LONGO INTERVALO, ...” (112), e: “(as almas) depois de abandonarem os corpos andam à volta da própria Terra e não tornam a este lugar senão depois de perseguidos POR MUITOS SÉCULOS.”(113).

## X) Outros Empregos

### a) Argumento

Qualquer oração, frase, ou um simples título de livro ou capítulo que indica o assunto, o tema, sobre que se discorrer é construído em latim no ablativo. O adjunto de argumento constrói-se em latim com a preposição *de* e o ablativo. Vejamos as ocorrências:

(114) “... cum senex nihil nisi DE AFRICANO loqueretur omniaque eius non facta soloum, sed etiam dicta meminisset.” (parágrafo 10)

(115) “...ut cogitationes sermonesque nostri pariant aliquid in somno tale, quale DE HOMERO scribit Ennius...” (parágrafo 10)

(116) “Ipsi autem, qui DE NOBIS loquuntur, quam loquentur diu? (parágrafo 22)

(117) “...quid DE TE alii loquantur, ipsi videant!” (parágrafo 25)

O ablativo de argumento, como foi visto, é usado quando o interlocutor tem a intenção de indicar o fato enunciado. O objetivo é dar ênfase ao assunto como em: “O ancião não falava se não SOBRE O AFRICANO e recordava não só todos os seus feitos, mas também os seus ditos.” (114), e: “... acontece que nossos pensamentos e conversas dêem origem no sono a algo semelhante àquilo que Ênio escreveu ACERCA DE HOMERO” (115).

No (116) e (117), vemos o uso da preposição *de* junto a pronomes pessoais do caso oblíquo no ablativo: “E mesmo esses que falam SOBRE NÓS, por quanto tempo o farão?”(116), e: “O que os outros disserem SOBRE TI, é de sua responsabilidade, mas não deixarão de o dizer.” (117).

### b) Qualidade

O ablativo de qualidade designa de modo geral uma característica permanente ou algo passageiro, seja de um objeto ou pessoa. Seu emprego ocorre sempre acompanhado de um atributo. Vejamos as ocorrências:

(118) “... qui tamen TANTO NOMINE quam sit parvus, vides.” (parágrafo 21)

(119) “... deinde subter mediam fere regionem Sol obtinet,[...] TANTA MAGNITUDE, ut cuncta sua luce lustret et compleat...” (parágrafo 17)

Podemos ver nas ocorrências (118) e (119) que há o atributo mostrando a característica principal: “... vês, contudo com TÃO GRANDE NOME como seja pequeno.” (118) e “... a seguir, mais abaixo, o Sol ocupa a região intermédia [...] COM TAMANHA GRANDEZA que com sua luz tudo enche e ilumina...” (119).

### c) Instrumental

Esse ablativo tem por função indicar o instrumento e, em sentido figurado, o meio empregado para realizar determinada ação. Utilizado na maioria das vezes sem preposição, porém pode aparecer no acusativo com *per*, embora não tenha encontrado ocorrências no *corpus*. Vejamos as frases:

(120) “... deinde subter mediam fere regionem Sol obtinet,(...) tanta magnitudine, ut cuncta SUA LUCE lustret et compleat...” (parágrafo 17)

(121) “...quod docti homines NERVIS imitati atque CANTIBUS aperuerunt sibi reditum in hunc locum sicut alii, qui PRAESTANTIBUS INGENIIS in vita humana divina studia coluerunt...” (parágrafo 26)

(122) “hic autem alter subiectus aquiloni, quem incolitis, cerne quam TENUI vos PARTE contingat!” (parágrafo 21)

Em Português usa geralmente “com”, “mediante” e “por meio de”, como vemos nas traduções mais literais: “Seguidamente, mais abaixo, ocupa a região intermédia do Sol [...] dotado de tal grandeza, que tudo enche POR MEIO DA SUA LUZ.”(120), “ ... isto tendo os homens doutos imitados COM CORDAS E CANTOS abrirem para si caminho para regressarem a este lugar, tal como outros, que COM O VALOR DO SEU GÊNIO, cultivaram, na sua vida, estudos que eram divinos.”(121), “...repara (COM) QUE EXÍGUA PARTE vos toca (atinge)...” (122).

#### d) Modo

Vai para o ablativo de modo, o nome que indica o modo com que se pratica uma ação, podendo ser acompanhando ou não da preposição *cum*. Quando o adjetivo não acompanha o nome, é necessário o uso da preposição, porém quando há o acompanhamento o uso da preposição é facultativa.

(123) “Hic mihi (...) Africanus se ostendit EA FORMA quae mihi ex imagine eius quam ex ipso erat notior, ...” (parágrafo 10)

(124) “... ex quibus erat ea mínima, quae ultima a caelo, citima a terris LUCE lucebat ALIENA.” (parágrafo 16)

(125) “Cui subiecti sunt septem, qui versantur retro CONTRARIO MOTU atque caelum.” (parágrafo 17)

Vemos nestas ocorrências que não há o uso da preposição mesmo sendo opcional seu uso mediante o adjetivo: “Foi então [...] que o Africano se mostrou COM O ASPECTO que eu lhe conhecia...”(123), “Dentre essas, a última, e mais próxima da Terra, era a menor, que brilhava COM LUZ ALHEIA.”(124) e, “Por baixo desta, estão colocadas sete, que andam em sentido retrógrado, COM MOVIMENTO CONTRÁRIO ao do céu” (125).

#### e) Causa

Empregado junto de verbos ou adjetivos indica a causa da produção de determinado efeito. Exprimindo, em geral, um sentimento, como alegria, tristeza, aflição, designando a causa que da origem ao sentimento. Emprega-se a preposição e não tem a função de agente da passiva. Vejamos as ocorrências:

(126) “nihil mihi fuit potius, quam ut Masinissam convenirem regem, familiae nostrae IUSTIS DE CAUSIS amicissimum.” (parágrafo 9)

(127) “Nam cum aetas tua septenos octiens solis anfractus reditusque converterit duoque hi numeri, quorum uterque plenus alter ALTERA DE CAUSA habetur...” (parágrafo 12)

Vemos nas ocorrências (126) e (127) que a causa é justificada através do ablativo: “... nada me importou mais do que ir ter com o rei Massinissa, grande amigo da nossa família POR JUSTOS MOTIVOS.” (126), e: “... e estes dois números, UM E OUTRO DOS QUAIS, por diversas razões, é julgado perfeito...”(127) o qual possui a idéia de causa sem agente da passiva: “um considerado perfeito por uma causa e outro considerado perfeito por outra”, não é dito quem é que julga, nas o motivo porque se julga.

#### 4. CONCLUSÃO

Compreender um texto clássico latino em sua totalidade, ao invés de estudar frases soltas, requer um estudo profundo sobre o mecanismo da morfossintaxe da Língua Latina. Estudar um clássico de Cícero, como o *Somnium Scipionis*, requer uma atenção maior, já que ele é que usa todos os recursos desse mecanismo, com frases extensas, muito bem estruturadas, mas, por isso mesmo exigiu o conhecimento profundo do que as grandes gramáticas latinas expõem.

Para entender o complexo jogo de palavras que Cícero faz, é preciso ir direto ao texto estudando-o em sua essência como é proposto no novo método que foi empregado nesse estudo. Este método abre a alunos recém-iniciados a possibilidade de estudar diretamente em textos originais, ao invés de anos de estudo em frases desconexas que geram confusão e grande dificuldade quando iniciados no estudo de textos.

Por meio disso, foi possível estudar os casos latinos em sua essência, assimilando os seus diversos usos em virtude do grande número de ocorrências encontradas. Empregando o método de “abordagem direta” do texto latino, fazendo primeiramente a análise dos elementos-chave, pôde-se estudar a fundo tradução de Rocha Pereira e verificar o porquê do emprego dos casos no texto ciceroniano, procurando entender mais literalmente o que diz o Latim.

Vimos que esta pesquisa não esgotou os aspectos a serem perquiridos, mas abriu as portas para outras áreas de estudo dentro da morfossintaxe, como o estudo do participio, gerúndio e gerundivo, que são também de vital importância para a compreensão da Língua Latina e que ajudarão, assim como este trabalho concluído, na elaboração de futuras pesquisas na área de Estudos Clássicos.

O resultado principal deste projeto foi alcançado. Através dessas etapas, consegui o objetivo proposto, ou seja, pude “aprofundar o conhecimento da língua latina”. E isso foi possível porque ir ao texto de Cícero representa praticamente o mesmo que compulsar a bibliografia especializada dos gramáticos consagrados, com a diferença que se tornou menos árido, uma vez que o texto teórico entra como apoio da abordagem direta: a leitura inteligente do Clássico por excelência da Prosa Literária Latina.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Latina*. 29ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- BESSELAAR, José van den. *Propylaeum Latinum – Sintaxe Latina Superior* Vol. 1 São Paulo: Herder, 1960.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- COMBA, Pe. Júlio. *Gramática Latina*. 3ª ed. São Paulo: Salesiana D. Bosco, 1981.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garnier, 2003.
- FARIA, Ernesto. *Gramática da Língua Latina*. 2ª ed. rev e aum. Brasília: FAE MEC, 1995
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica. Vol. 2- Cultura Latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- SARAIVA. F.R. dos Santos. *Dicionário latino-português*. 11ª. ed. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Garnier, 2000.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. *Romana - Antologia da Cultura Latina 3ª. ed.* Lisboa: Universidade de Coimbra, 1994